

MEDICINA

Documento reivindica melhorias para o setor

DA REDAÇÃO

A Academia Nacional de Medicina (ANM), a Academia Brasileira de Ciências (ABC) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) prepararam um documento que deverá ser entregue nesta semana a diversas esferas do poder executivo. O objetivo é protestar, entre outros temas, contra a restrição de recursos de 75% no Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap), mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), instituição do Ministério da Educação (MEC) responsável por financiar programas de mestrado e doutorado.

Durante o encontro da última quinta-feira foram apresentadas sugestões que serão analisadas, como a criação de programas e projetos estruturantes, o aumento do protagonismo do setor de Ciência e Tecnologia no desenvolvimento econômico do Brasil e a criação de novas fontes de financiamento à área.

O tema foi discutido em evento com a participação dos presidentes da AMN, Francisco Sampaio; da ABC, Jacob Palis; e da SBPC, Helena Nader. O simpósio "Financiamento à pesquisa e à pós-graduação: problemas e perspectivas face à nova realidade econômica", realizado na quinta-feira, reuniu mais de 100 pessoas na sede da ANM entre acadêmicos, representantes de diferentes instituições, médicos e estudantes, no Centro.

"Os investimentos em pesquisa e pós-graduação são estratégicos para o desenvolvimento social e econômico de nosso país e o seu corte compromete todo o futuro da nossa ciência e saúde", afirmou o presidente da Aca-

demia Nacional de Medicina, Francisco Sampaio.

A presidente da SBPC, Helena Nader, apresentou uma série de dados sobre a situação da pesquisa e da pós-graduação no País. De acordo com um levantamento realizado pela Capes, houve um aumento de 209% na oferta de programas de pós-graduação no país desde 2003. Já na área de pesquisa, o Brasil ocupa hoje a 15ª posição mundial em relação à quantidade de trabalhos científicos publicados na mídia especializada.

Helena ressalta, no entanto, que antes mesmo dos cortes ocorrerem, o Brasil já investia muito menos que os demais países do grupo Brics, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. De acordo com ela, é preciso cada vez mais apostar no setor industrial.

Ela explicou que, de importador de alimentos nos anos 1960, o País se tornou um dos líderes na produção e exportação de produtos agropecuários, graças às atividades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e das escolas de ciências agrárias e veterinárias.

O presidente da Academia Brasileira de Ciências propôs que os gastos em ciência e tecnologia passem a ser equivalentes a 2% do Produto Interno Bruto.

Ele defendeu também que, em vez de fazer cortes, o governo federal deveria estimular com abatimento no imposto de renda, uma prática que em países como os Estados Unidos é muito comum: as doações de empresas particulares ou pessoas físicas às instituições de pesquisa. "É fundamental que tenhamos uma agenda comum e uma voz única diante deste cenário", disse Palis.